



Viralizou, “bombou”! Uma análise sobre o funcionamento discursivo e a produção de efeitos de sentido dos memes no ambiente digital

“It’s gone viral, it’s got to the top”! An analysis of the discursive functioning and the production of meaning effects of memes in the digital environment

Clóris Freire Dorow¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6238-798X>

 <http://lattes.cnpq.br/6359353973272567>

Alexandre Kerson de Abreu²

 <https://orcid.org/0009-0009-4124-7169>

 <http://lattes.cnpq.br/9869718382667046>

RESUMO

Este artigo estuda o funcionamento discursivo de memes que circulam na internet, pertencentes às famílias mêmicas “Expectativa x Realidade” e “Willy Wonka Irônico”. Com o suporte teórico e metodológico da Análise de Discurso (AD) pecheuxiana, o objetivo é mostrar como se dá esse funcionamento discursivo, além dos efeitos de sentido produzidos por este tipo de materialidade imagética e de palavras, no ambiente digital. A partir dos gestos de análise empreendidos neste estudo, os resultados mostram que os memes não são somente um fenômeno massivo da era digital. Sob o prisma discursivo, são materialidades que, apoiadas pelo imbricamento entre textos verbais e não verbais, jogam com o equívoco da língua e abrem o leque de possibilidades para instauração de diferentes efeitos de sentido.

Palavras-chave: Análise de discurso; discurso digital; memes.

ABSTRACT

This paper studies the discursive functioning of memes circulating on the Internet belonging to the memetic families “expectation vs. reality” and “sarcastic Willy Wonka”. With the theoretical and methodological support of Pêcheux’s discourse analysis (DA). The aim is to analyse how this discursive functioning occur, as well as the meaning effects produced by this type of imagetic materiality and words in the digital environment. According to the analysis undertaken in this study, the results show that memes are not just a massive phenomenon of the digital age. Under the discursive view, they are materialities, which supported by the interface between verbal and nonverbal texts, play with language misconceptions and open a range of possibilities for different meaning effects.

Keywords: Discourse analysis; digital discourse; memes.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas/RS - Brasil. E-mail: clorisdorow@hotmail.com

² E-mail: xande.abreu75@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

O mundo digital, definitivamente, está no controle. Sobretudo nos últimos dois anos, com a chegada da fatídica pandemia mundial de COVID-19 e as consequentes medidas de isolamento e distanciamento social para frear a disseminação do novo coronavírus, o ciberespaço consolidou sua supremacia com o avanço tecnológico extremamente veloz que se fez necessário para atender uma repentina e gigantesca demanda por serviços online.

A nova realidade imposta pela pandemia potencializou as tecnologias digitais e a vida social no ciberespaço. Trabalho, diversão e tudo aquilo que, até então, era realizado predominantemente no mundo físico passou a ganhar força no mundo digital. Prova de que os avanços tecnológicos estão intrinsecamente ligados à necessidade humana.

Desta forma, as redes sociais, que já tinham um espaço de destaque no que diz respeito ao processo comunicacional da sociedade, ganharam ainda mais força. A interação física perdeu terreno para o digital. Manifestações de diferentes naturezas inundam a Internet e provocam movimentos sociais de identificação e não identificação a determinado tema, que acabam dando origem a um emaranhado de discursos que formam uma trama complexa e opaca.

Diante deste cenário, portanto, mergulhar na opacidade do discurso digital se faz necessário. Para isso, utilizaremos neste artigo os memes como materialidade discursiva por conta da sua grande capacidade de viralização e reformulação na Internet.

Do ponto de vista comunicacional, os memes transmitem mensagens que são capazes de aglutinar grupos sociais como a mesma visão de mundo, mas também de afastar os de visão oposta, numa tensão constante de forças ideológicas antagônicas.

Contudo, nos interessa neste estudo insistir em uma outra abordagem, capaz de trabalhar a língua na sua relação com a história, mergulhando nesta trama que o discurso digital – assim como qualquer outro – nos impõe. Para tanto, adotaremos os procedimentos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso (AD) pecheuxiana para mostrar como se dá esse funcionamento discursivo dos memes, além dos efeitos de sentido produzidos por este tipo de materialidade discursiva no ambiente digital.

2. ANÁLISE DE DISCURSO: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

Disciplina norteadora deste artigo, a Análise de Discurso (AD) originou-se na França, nos anos 1960, a partir de estudos desenvolvidos pelo filósofo Michel Pêcheux. Tendo como objeto de estudo o discurso, a AD é conhecida como uma disciplina de entremeio, pois trabalha nos campos da Linguística e das Ciências Sociais, não só articulando conhecimentos dessas áreas, mas também avançando e rompendo com alguns pontos teóricos. Com isso, a AD passa a jogar luz a questões que se tornam extremamente caras a seu arcabouço teórico. Para a AD, então, a língua não é tratada como um sistema fechado, não transparente. O que importa é a língua falada no mundo, relacionada à sua exterioridade, produzindo sentidos.

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística,



interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística [...] Nessa confluência, a análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. (ORLANDI, 2009, p.16).

Importa para a AD trabalhar a relação entre língua, discurso e ideologia. Desta forma, como afirma Orlandi (2009, p.17), com base em Pêcheux (1995), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. O discurso é o lugar de materialização da ideologia. Sendo assim, não estamos falando mais apenas de um sistema linguístico aparentemente neutro, alheio ao seu exterior. Esta afirmação coloca em xeque a concepção de transparência e literalidade da língua. O texto, seja ele verbal ou não, deve ser pensado sob o ponto de vista discursivo, como um “organizador” da dispersão do discurso, dando um efeito de unidade, de completude. É a materialidade discursiva sobre a qual o analista de discurso vai se debruçar para verificar como ocorre a produção de sentidos pelos sujeitos discursivos envolvidos.

Sobre este aspecto teórico, Orlandi (2006, p.59) esclarece que “a unidade de construção do discurso é o enunciado, mas ele tem de ser referido ao texto para poder ser apreendido no processo de construção do discurso”. Assim, “discurso e texto não se equivalem, já que este último é entendido como materialidade discursiva, unidade de análise, e não como unidade de construção do discurso”. (ABREU, 2016, p.12).

Pêcheux (1997) define o discurso como sendo um efeito de sentido entre interlocutores. Ao contrário do conceito adotado na comunicação, o discurso para a AD não é apenas transmissão de informação. Vai muito além do esquema sequencial baseado em emissor, receptor, código, referente e mensagem. Portanto, fica clara a proposta da AD de contemplar a exterioridade no processo discursivo e considerar as historicidades dos sujeitos e dos sentidos, além do contexto sócio-histórico de produção do discurso.

Os sujeitos são afetados pela língua e pela história e produzem sentidos a partir desta condição. Entretanto, os sujeitos, na concepção da AD, são assujeitados, ou seja, são indivíduos interpelados em sujeitos pela ideologia e precisam assumir posições no discurso para poder significar. É a partir destas posições que o sujeito vai se filiar a uma determinada formação discursiva (FD) e revelar seu vínculo ideológico. Assim, uma vez assumindo posições discursivas diferentes, os sujeitos também passarão a significar de forma diferente. “O sentido [...] não existe em si mesmo [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]”. (PÊCHEUX, 1995, p.160). Desta forma, uma determinada FD remete a uma determinada formação ideológica (FI), que, conforme Pêcheux e Fuchs (1997, p.166), corresponde ao conjunto de representações e atitudes que dizem respeito às “posições de classe em conflito umas com as outras”. Já a FD é:



aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...] isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1995, p.160-161).

E se, conforme Pêcheux (1997), o discurso é um efeito de sentido entre interlocutores, a concepção de sujeito para a AD também ganha outro contorno. Estamos falando aqui não mais de um sujeito consciente, livre, mas sim de um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e, também, pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. [...] o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. (ORLANDI, 2009, p.20).

Como não existe uma relação direta entre a linguagem e o mundo – isso se dá pelo simbólico-, a ideologia acaba por naturalizar esta relação para o sujeito por meio do imaginário social. Esse processo é importante para a constituição da subjetividade e identidade do sujeito, colocando-o ilusoriamente como autônomo, centrado, dono de seu dizer.

A dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda do seu significado, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica, o que produz sua “transparência”. Dito de outra forma, se tira-se a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas. Mas, em seu funcionamento ideológico, as palavras se apresentam com sua transparência que poderíamos atravessar para atingir seus “conteúdos”. (ORLANDI, 1994, p.57).

A reflexão de Orlandi (1994) ratifica o fato de que a identidade do sujeito está ligada ao imaginário social. O sujeito necessita do imaginário para se constituir e estabelecer a sua relação com o mundo. Sujeito e instituições, portanto, se relacionam no plano imaginário. Enquanto produto do imaginário social, as instituições vão gerir a vida em sociedade, transmitindo valores e modos de comportamento socialmente aceitos. (CASTORIADIS, 1982).

Neste aspecto, Lima (2012) sustenta que a identidade é uma construção sócio-histórica. A autora destaca ainda que a construção da identidade/identificação decorre da interpelação do sujeito pela ideologia e do assujeitamento a saberes sócio-ideológicos, oriundos das formações discursivas. Assim, tomando como ponto de partida a “identificação à formação discursiva, ocorre a tomada de um lugar do dizer e, por conseguinte, a formação da identidade [...] que vai sofrendo alterações e reconfigurações decorrentes de alterações no processo de identificação”. (LIMA, 2012, p.50).



Orlandi (2009) afirma que uma mesma palavra pode assumir diferentes significados, dependendo da formação discursiva a qual o sujeito discursivo está filiado. Interpelado pela ideologia, processo que lhe é completamente apagado, – e isso é necessário ao funcionamento da linguagem – o sujeito é tomado pela ilusão de completude e de autonomia, no entanto, “[...] se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos”. (ORLANDI, 2009, p.49).

Um exemplo clássico da cambialidade do sentido são as palavras “invasão” e “ocupação”, quando empregadas, respectivamente, por latifundiários e pelos Sem-Terra. Em um enunciado, elas vão significar diferente ou não e seu emprego vai depender da FD a qual o sujeito discursivo está filiado. Deste modo, na produção de sentidos, deve-se levar em conta o sujeito e as condições de produção do discurso. Somente assim é possível determinar porque uma palavra foi empregada e não outra, considerando, é claro, a formação discursiva desse sujeito.

O sentido, portanto, não está colado às palavras. Discursivamente, a posição ocupada pelo sujeito no discurso e sua inscrição a uma determinada FD é que vão atribuir sentido às palavras. Além disso, é preciso também levar em conta as condições de produção do discurso, tanto o contexto mais imediato, que são as circunstâncias da enunciação, como o mais amplo, que são os aspectos sócio-histórico e ideológicos impregnados na sociedade. A relação de sentidos é uma das engrenagens de funcionamento das condições de produção, que, por sua vez, constituem os discursos. Por esta noção, conforme Orlandi (2009), o discurso é atravessado por outros discursos, e um dizer está sempre relacionado a outros dizeres.

Outro conceito fundamental para a AD é a memória discursiva, também chamada de interdiscurso. Conforme Orlandi (2009, p.31), “é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. É da memória discursiva, portanto, que emergem saberes de uma determina FD que vão influenciar a forma como o sujeito vai significar em uma dada condição de produção.

O dizer do sujeito discursivo está localizado justamente na confluência entre o já-dito e o que está sendo dito. Courtine (1982) representa esta relação a partir de dois eixos: vertical e horizontal. O conceito de intradiscurso, que é a formulação propriamente dita, o fio do discurso, se encontra no eixo horizontal. Já no vertical está o interdiscurso, enquanto nível de constituição do sentido. Portanto, “as relações de sentido são determinadas justamente no jogo entre esses dois eixos”. (ABREU, 2016, p.19).

Pêcheux (1995) diz que é por meio do esquecimento que o sujeito discursivo esquece que é interpelado pela ideologia e faz a retomada de pré-construídos, de já-ditos, em sua formulação. O sujeito passa a ter a ilusão de que controla os sentidos daquilo que diz. Essa é uma ilusão necessária, pois é preciso que o sujeito “esqueça” que os sentidos preexistem e já estão constituídos historicamente.

São dois os esquecimentos que atuam no discurso, conforme Pêcheux (1995). O esquecimento número um, conhecido também por esquecimento ideológico, refere-se à forma como somos afetados pela ideologia, criando a ilusão de que somos a origem daquilo que dizemos, mas que, na verdade, o que ocorre é apenas a retomada de



sentidos preexistentes. Já o esquecimento número dois está relacionado à enunciação, o que permite que o sujeito tenha a ilusão (referencial) de que existe uma relação direta entre pensamento, linguagem e o mundo. É pelo esquecimento número dois que “[...] pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim”. (ORLANDI, 2009, p.35).

É por isso que, no discurso, tendo em vista a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, a escolha das palavras a serem empregadas e a própria argumentação não passam de uma ilusão subjetiva, necessária para a engrenagem do processo discursivo, no qual atuam projeções ligadas ao conceito de formação imaginária. Com base em Orlandi (2009), Abreu (2016) diz que formação imaginária é:

um mecanismo imaginário pelo qual sujeito discursivo e interlocutor projetam imagens uns dos outros - e também do próprio objeto do discurso - referentes às posições que ocupam nesse discurso. É a partir desse jogo, marcado pela troca de palavras, que é produzido o efeito de sentido entre sujeito e interlocutor. (ABREU, 2016, p.21).

Orlandi (2009) ressalta que a projeção de imagens via formação imaginária é fundamental no processo de antecipação, pelo qual o sujeito imagina o seu interlocutor, colocando-se em seu lugar, e organiza o seu dizer para atingir esse interlocutor, de modo a obter êxito em sua argumentação. “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa em produzir em seu ouvinte”. (ORLANDI, 2009, p.39).

Contudo, sob a ótica da AD, o sujeito, que é constituído na e pela linguagem, não controla a produção de sentidos, pois a linguagem, cuja relação com o mundo é de ordem simbólica, é marcada pela incompletude, e o real da língua é sujeito a falha. Por isso, ao pensar discursivamente a linguagem, Orlandi (2009, p.37) afirma que “os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. [...] Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia”.

Segundo Orlandi (2009), na paráfrase, ocorre a retomada de dizeres já sedimentados, ou seja, ocorre um retorno aos mesmos sítios de significância, que são mantidos, mesmo sob formulações diferentes. Já na polissemia ocorre uma ruptura desse dizer estabilizado, e o sujeito passa a (re)significar de uma outra forma, afetando a “rede de filiação de sentidos”. (ORLANDI, 2009, p.36). Isso ocorre porque a língua, como já mencionado, é um sistema aberto e sujeito a falhas, deslocamentos e rupturas no processo de significação. Desta forma, há, então, forças que buscam estabilizar dizeres e outras que buscam desestabilizá-los, culminando no que Pêcheux (1999) chama de acontecimento discursivo, detalhado assim por Indursky (2003):

o acontecimento discursivo trabalha, a um só tempo, com a ruptura do mesmo e com a instauração do novo, inscrevendo-se em uma outra espécie de tempo, de curta duração. Instituída a ruptura com o dizer memorial, abre-se um novo domínio de memória, em torno do qual novos dizeres irão inscrever-se, participando desta nova estrutura. Estamos diante do encontro entre sentidos já postos, presentes na estrutura, com novos sentidos que são produzidos a partir desse acontecimento histórico que reclama sentidos, que pede interpretações,



os quais, ao serem discursivizados, o ressignificam. (INDURSKY, 2003, p.118).

É nesse jogo que também está ancorado o conceito de efeito metafórico, cunhado por Pêcheux (1997). Conforme o filósofo, a metáfora, na AD, não está relacionada à figura de linguagem comparativa estudada pela Linguística, mas sim ao deslizamento de sentidos, uma palavra por outra, na medida em que o sentido sempre pode se tornar diferente de si mesmo.

3. DISCURSIVIDADE DIGITAL E O FUNCIONAMENTO DOS MEMES

Assim como todo discurso, o discurso digital “está sujeito ao equívoco da língua, com a possibilidade de desconstrução e a atribuição de novos sentidos ao já dito”. (ABREU 2016, p.24). O estudo desse tipo específico de discurso ganha ainda mais relevância quando consideramos os avanços tecnológicos no mundo digital, sobretudo o impacto das redes sociais, que passam a atuar como mediadoras das relações interpessoais. Essa mudança na discursividade, na qual o digital muda comportamentos e abre espaço para que outros tipos de materialidades discursivas sejam analisados, Dias (2016) chama de digitalização do mundo, definida pela autora como:

Práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso, deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital. Em outros termos, a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho. (DIAS, 2016, p.10-11).

A inscrição no digital traz à tona um outro conceito de memória, a memória metálica, cujas características se diferenciam da memória discursiva/interdiscurso, trabalhada até então. Conforme Orlandi (2010), a memória metálica é aquela produzida no mundo digital, por meio das mídias e novas tecnologias de linguagem. Difere da memória discursiva pelo fato de não ser produzida pela historicidade, e sim por um construto técnico, como televisão, computador, por exemplo. É caracterizada pela massificação, típica do ambiente digital, onde se destaca a quantidade e a repetição, e não a historicidade.

Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito - uma simulação - produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. (ORLANDI, 2010, p.4).



Como vimos anteriormente na fundamentação teórica da AD, a memória discursiva é marcada pela historicidade. Como traz Orlandi (2009, p.31), na memória discursiva estão os saberes discursivos ligados a uma determinada formação discursiva que retornam na formulação e “afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Esses saberes, como bem ressalta a autora, afetam no agora, mas estão relacionados também a dizeres de outro momento sócio-histórico, levando-se em conta a historicidade, pois “o que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras”. (ORLANDI, 2009, p.32).

Contudo, no discurso digital, embora as memórias discursiva e metálica apresentem diferenças notórias, elas não estão dissociadas e atuam conjuntamente no processo de produção de sentidos. Essa relação funciona na tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos. Ou seja, ao mesmo tempo em que a memória metálica promove a repetição de forma quantitativa, a memória discursiva/interdiscurso intervém no acontecimento discursivo, podendo modificar a rede de sentidos e promover o diferente, a resignificação. Daí, é cunhado um outro conceito de memória, a memória digital, definida assim por Dias (2016):

a memória digital é esse resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento digital pelo trabalho do interdiscurso. Portanto, a memória digital não é uma reatualização técnica da memória, ou seja, uma expansão horizontal dos enunciados, mas uma atualização discursiva pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital. (DIAS, 2016, p.12).

Com isso, é possível compreender que não se trata apenas de quantidade, acúmulo. O discurso digital, como qualquer outro discurso, é lugar onde a língua se inscreve na história e está sujeita ao equívoco e a falhas. Nas redes sociais, por exemplo, ao curtir, compartilhar determinada postagem, há um movimento de identificação ou não identificação, ratificando o trabalho da memória discursiva a partir da filiação do sujeito discursivo a uma determinada formação discursiva.

Mesmo sendo marcado pela repetição, o discurso digital é lugar de confluências entre as memórias metálica, digital e discursiva, o que afeta o “circuito constituição, formulação e circulação. [...] Isto porque qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação (e, conseqüentemente, com a ideologia). (ORLANDI, 2010, p.5).

Os gestos de interpretação, enquanto prática simbólica, estão diretamente associados aos efeitos de sentidos produzidos na relação entre sujeito, língua e história. Esses gestos devem ser pensados como práticas simbólicas, considerando as posições ocupadas pelo sujeito no discurso e as respectivas significações que derivam dessas posições, de compromissos com determinadas formações discursivas, das circunstâncias de enunciação e da memória. “O espaço digital – ainda que seja virtual – tem sua materialidade e produz efeitos”. (ORLANDI, 2010, p.9).

Materialidade linguística deste artigo, os memes são um terreno fértil quando falamos em práticas simbólicas. Contudo, é necessário trabalhar primeiro a conceituação de meme e suas características do ponto de vista comunicacional, antes de mergulharmos discursivamente nos aspectos que regulam o seu funcionamento e a produção de sentidos.



O meme (do grego mimeses, que significa imitar) é “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação [...] saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação”. (DAWKINS, 2007, p.330). Essa definição surgiu a partir de uma analogia ao gene humano, para explicar o modo como eles, os memes, são rapidamente disseminados na internet, na mesma velocidade com que são criados. Sua natureza estrutural, imagética, irônica e jocosa cria as condições necessárias para que seja replicado no espaço virtual.

Avançando e trazendo novas contribuições aos estudos de Dawkins (2007), Shifman (2014) acrescenta que essa imitação através dos memes se dá em três dimensões: conteúdo, forma e posicionamento.

A primeira dimensão relaciona conteúdo a um texto específico, referenciando às ideias e ideologias presentes nele. A segunda dimensão se relaciona à forma: é a representação física da mensagem, percebida pelos nossos sentidos. Inclui dimensões visuais e audíveis específicas para certos textos e a sua organização mais complexa (como animação). A terceira dimensão se relaciona com a informação que os memes apresentam sobre a sua própria comunicação, nomeada aqui como posicionamento. Eu uso “posicionamento” para mostrar as maneiras através das quais o locutor se posiciona em relação ao texto, aos seus códigos linguísticos, os leitores e outros interlocutores potenciais. Assim, como a forma e o conteúdo, posicionamento é potencialmente mimético; quando recriamos um texto, usuários podem decidir imitar certo posicionamento que eles acreditem convincente ou usar uma orientação discursiva completamente diferente. (SHIFMAN, 2014, p.40).

Pelo exposto pela autora, a circulação, reprodução e transformação dos memes no mundo digital, mais especificamente na internet, se dão por conta do potencial que essas unidades comunicacionais possuem ao aglutinar conteúdo, forma e posição/posicionamento. O sucesso de um meme - que é sempre uma coleção de fotos, vídeos, frases, imagens associadas a uma legenda - não está relacionado à sua autoria, mas à sua capacidade de viralização na Internet. E essa viralização ocorre quando há a identificação de internautas com determinada temática e, consecutivamente, o compartilhamento em série. Vale ressaltar que o meme não se torna viral apenas pela reprodução desenfreada. Torna-se viral, segundo Shifman (2014), quando a imitação de algo, seja na forma, no conteúdo ou no posicionamento, carrega uma ideia capaz de gerar identificação e, por esta razão, é copiada, reapropriada, utilizada em outros contextos e até mesmo transformada.

Ainda sobre esse poder de replicação, Recuero (2008) cita a longevidade, fecundidade e fidelidade com as três características que vão definir o potencial viral de um meme. Conforme a autora, a longevidade está relacionada à capacidade de o meme, por meio de sua temática, permanecer no ambiente digital. A fecundidade diz respeito à propagação do meme, independentemente do suporte - foto, vídeo, hashtag, entre outros. Contudo, grande fecundidade não tem uma relação direta com a longevidade, aponta Dawkins (2007), pois um meme pode ter um grande sucesso no meio digital por um curto período de tempo e depois sucumbir. Ou seja, alta fecundidade, baixa longevidade. Já a fidelidade remete à capacidade do meme de gerar réplicas similares à unidade mimética original, mesmo não apresentando, em geral, um alto grau de



fidelidade, tendo em vista que o grau de transformação do meme no ambiente digital é alto.

Pela ótica da AD, o que vai nos interessar, a partir de agora, é saber como ocorre o funcionamento discursivo dos memes e a produção de sentidos, sempre na relação entre língua e história. Os memes, nesta perspectiva, serão tratados não mais na sua forma empírica, e sim como unidade textual de análise, onde discursos outros estão dispersos. Importam aqui “os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”. (ORLANDI, 2009, p.16).

Se do ponto de vista comunicacional os memes, no digital, podem ser apresentados em diferentes formatos e suportes, e até mesmo na convergência entre eles, na abordagem que propomos pelo viés discursivo, é fundamental observar estas formas materiais e trabalhar no entremeio, como propõe a própria AD, pois como ressalta Lagazzi (2009, p.68), “não temos materialidades que se completam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”.

Os memes na internet, por exemplo, apresentam um formato recorrente, que é a composição entre uma imagem e um texto – formulações não verbais e verbais, segundo a AD. No processo discursivo, portanto, conforme Lagazzi (2009, p.76), é na relação entre a materialidade significativa com a história que “os sentidos têm que ser buscados na composição entre as imagens e as palavras”.

Essa busca, tendo como base os conceitos teóricos da AD, tem que levar em conta que o sentido sempre pode ser outro, pois os sentidos estão determinados ideologicamente. Como atesta Orlandi (2009, p.43), as palavras “derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”. É desta forma que o sujeito-discursivo vai produzir sentido, ou seja, a partir de uma posição-sujeito, ele se inscreve em uma FD e utiliza determinada palavra e não outra. Lembrando que essa “escolha” da palavra não é consciente, já que o sujeito, para a AD, é influenciado pelo inconsciente, descentrado e interpelado em sujeito pela ideologia. Neste processo, considerando os esquecimentos número 1 e 2, são mobilizados saberes da memória discursiva/interdiscurso (nível da constituição dos sentidos) correspondentes à FD a qual esse sujeito-discursivo está inscrito. E são esses saberes que são empregados no enunciado, no intradiscurso, ou nível da formulação. No caso dos memes na internet atua ainda a chamada memória metálica que está ligada à existência técnica e replicável do enunciado e não à sua historicidade, e a memória digital, originada a partir da inscrição no funcionamento digital pelo trabalho do interdiscurso, segundo Dias (2016).

Outro ponto importante a destacar são as condições de produção, que dizem respeito ao sujeito e à situação, elementos importantes para a compreensão dos efeitos de sentidos produzidos. Essas condições de produção, segundo Orlandi (2009), englobam contextos mais imediatos, onde está ocorrendo a enunciação, e contextos mais amplos, que são o contexto sócio-histórico-ideológico.

Pensando as condições de produção e considerando o discurso digital, os memes na internet assumem uma materialidade digital que Dias (2021) define como o processo de significação que se dá pela emergência de uma discursividade digital na forma



material do texto - que reúne língua e história e ligada às condições de produção - e que circula em um meio material (modo de circulação que reúne espaço e história), não transparente e dotado de significação.

Para exemplificar a mudança nas condições de produção como determinantes para a produção de diferentes efeitos de sentido, Dias (2021) cita que um texto produzido em um *smartphone* e esse mesmo texto impresso em um livro de poesia não vão significar da mesma maneira justamente por causa da sua materialidade, ou seja, por causa da sua forma histórica de significação. Assim, como aponta Dias (2019, p.59), “língua e história se constituem materialmente na forma de distintas textualidades”, mas no processo de textualização do discurso, como ressalta Orlandi (2012, p.64) há “falhas” e “defeitos”, e “a relação da língua com a história [...] não é perfeitamente articulada, resultando de um jogo da língua sobre a própria língua, face a sua inscrição na história”. É o chamado equívoco da língua, abrindo possibilidades para desconstrução e construção de novos sentidos.

Em relação ao equívoco no discurso digital, tendo em vista o processo de textualização que é histórico, Dias (2019) cita o exemplo do meme “Sextou”, que se originou do neologismo utilizado em uma música de uma banda de forró, aqui do Brasil, em 2015, para se referir ao início do tão aguardado final de semana, associado à diversão. Esse meme viralizou no país, mas, em 2018, a expressão “Sextou” foi bloqueada na rede social Instagram, pois, nos Estados Unidos, os norte-americanos a confundiram com a expressão “Sext to u”, “Sexo para você”, em livre tradução para o inglês. Ou seja, como reforça Dias (2019, p.59), “o processo de textualização do discurso na forma material ‘Sextou’ se fez com falhas, com equívoco, por conta da relação da língua com a história”, que não é a mesma para brasileiros e norte-americanos.

Aliás, o meme “Sextou”, considerando seus efeitos de sentido aqui no Brasil, é marcado por uma forte conotação jocosa. E essa é uma característica predominante nos memes de internet, que também utilizam a ironia - e não raro a combinação entre humor e ironia - para criticar um fato ou acontecimento específico, abordando aspectos sociais, econômicos ou políticos, da mesma forma que acontece com as charges e os cartuns. (SARMENTO, 2006). Pelo humor, consegue-se ludibriar um estado de censura, de convenções sociais, proporcionando o prazer, um alívio que tem como produto o riso.

Para a AD, o meme alicerçado no humor comporta um conjunto de formações discursivas de uma mesma formação social. Para que produza efeito de sentido, a memória discursiva emerge, e diferentes saberes discursivos em circulação se relacionam. (POSSENTI, 1998). Nesse aspecto, é essencial considerar também o acontecimento do discurso, para que se possa perceber o entrecruzamento entre os diversos discursos, fundamental para as ressignificações de sentidos; o processo de recuperação de um determinado enunciado em certo momento histórico, fazendo-o emergir em outro; e a produção de efeitos de sentido responsáveis pelo humor.

Assim como o humor, a ironia é um pilar importante no processo de argumentação do sujeito discursivo. Ela é empregada em um discurso com o objetivo “de se evidenciar um confronto entre sentidos diferentes, em que se antagonizam o sentido esperado pelo interlocutor e o sentido que a ironia pretenda instaurar”. (DOROW, 2002, p.64).



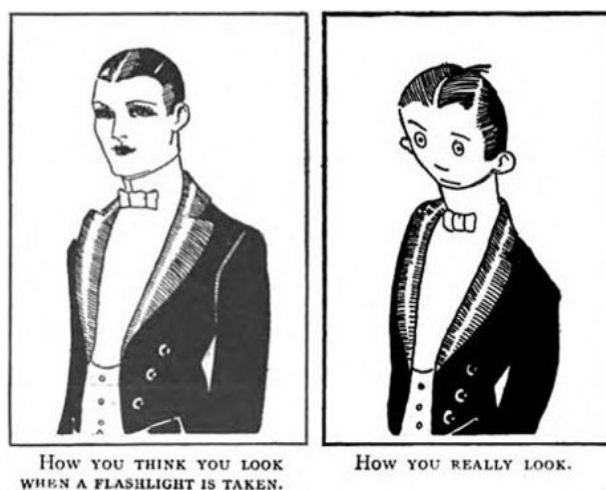
Ainda sobre o papel da ironia no discurso, a autora destaca que: “[...] todo enunciado irônico produz, no interlocutor, um impacto devido à reconstrução do sentido, e é nesse processo de destruição e de reconstrução que se evidencia a heterogeneidade mostrada e a marcada do discurso, produzindo significado”. (DOROW, 2002, p.64).

4. METODOLOGIA

Para mostrar o funcionamento discursivo dos memes no discurso digital, serão utilizados para análise quatro memes, sendo dois de cada uma das famílias mêmicas escolhidas: “Expectativa x Realidade” e “Willy Wonka Irônico”. Essas famílias foram escolhidas justamente pela sua popularidade e facilidade de serem encontradas na Internet, em suas mais variadas versões.

O primeiro meme abordando o tema “Expectativa x Realidade” surgiu em 1921 e foi publicado na revista satírica *The Judge*, publicação pertencente à Universidade de Iowa, nos Estados Unidos. A ilustração da época, que é considerada também o primeiro meme produzido no mundo, trazia dois quadros, um ao lado do outro. O da esquerda apresentava o desenho de um homem elegante, bem vestido e penteado, e abaixo a frase “How you think you look when a flashlight is taken”, em português, “Como você acha que está quando o seu retrato é tirado”. Já o da direita, algo que se assemelha ao esboço de uma criança, contudo, com o mesmo tipo de traje, o cabelo mal penteado e a frase “How you really look”, em português, “Como você realmente está”. (VICE, 2018).

Figura 1 - O primeiro meme do mundo.



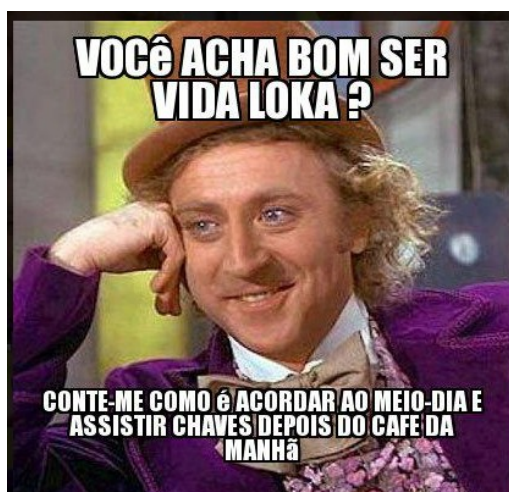
Fonte: Vice (2018).

Os memes da família “Willy Wonka Irônico” se originaram a partir de uma cena do filme “A fantástica fábrica de chocolate”, de 1971, dirigido por Mel Stuart e que tinha como protagonista o milionário excêntrico Willy Wonka, interpretado por Gene Wilder. A imagem utilizada pelo meme é um frame da cena em que Willy Wonka, com um semblante e tom irônicos e sarcásticos, pergunta às crianças que estavam visitando a fábrica se elas gostariam de ver um novo doce que ele estava criando.



Em 2011, o meme circulou pela primeira vez na Internet com a frase “You must be new here”, “Você deve ser novo aqui”, em português. Rapidamente, o meme viralizou e ganhou novas versões, sempre com a mesma imagem, mas com frases diferentes. No Brasil, sua popularidade veio no ano seguinte, entre os meses de março e maio. Por aqui, as frases mais utilizadas, com pequenas adaptações e associadas à expressão facial irônica de Willy Wonka, foram (e ainda são) “Tell me more...” ou “Tell me about it”, em português, “Conte-me mais...” ou “Fale mais sobre isso...”. (MUSEU DE MEMES, 2022).

Figura 2 – Origem dos memes Willy Wonka Irônico.



Fonte: Museu de Memes (2022).

Para o trabalho de análise do corpus deste artigo, é importante ressaltar que cada analista tem o seu próprio gesto de interpretação e estabelece seu próprio dispositivo teórico-analítico para dar conta de seu problema de pesquisa. A proposta deste estudo, portanto, é mostrar a capacidade que os memes têm em ressignificar e produzir outros efeitos sentidos, conservando praticamente a mesma base do conjunto de formulações verbal e/ou imagética. Para ressaltar esta característica, serão utilizados memes da mesma família, verificando como se dá o funcionamento discursivo deles, tendo como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso pecheuxtiana.

5. ANÁLISES MÊMICAS

Conforme exposto na proposta metodológica do artigo em questão, seguem abaixo as análises das Sequências Discursivas (SDs) pertencentes às duas famílias mêmicas selecionadas.

5.1. FAMÍLIA MÊMICA “EXPECTATIVA X REALIDADE”

Chamaremos de SD-1 e SD-2 as duas sequências discursivas selecionadas para análise dentro da Família mêmica “Expectativa x Realidade”. Os memes desta família têm como característica recorrente a utilização do humor e da ironia para realçar o sentimento de frustração em relação a algo que se espera e se deposita certa



expectativa positiva, mas que, na prática, não se concretiza, pelo menos não da forma idealizada.

SD-1: “BATOM VERMELHO. COMO EU ACHO QUE PAREÇO. COMO EU REALMENTE PAREÇO”.

Figura 3 – Batom: Expectativa x Realidade.



Fonte: Zoeira Memes (2016).

Aqui o sujeito discursivo está inscrito em uma formação discursiva (FD) que reconhece e debocha da própria situação, retratada pelo sentimento de frustração por não conseguir o resultado esperado ao pintar os lábios com o batom vermelho. A inscrição nesta FD remete ainda a um imaginário social pelo qual o sujeito discursivo projeta uma imagem de como gostaria de se parecer ao usar o batom vermelho.

Desta forma, a formulação “Como eu acho que pareço” está associada à primeira imagem, a da atriz e estrela hollywoodiana Anne Hathaway. O intradiscurso é atravessado pelo interdiscurso/memória discursiva, onde estão saberes discursivos que colocam as celebridades como referência e modelo de beleza a ser seguido. Contudo, o sujeito discursivo se vê em uma condição de inferioridade em relação à atriz. Assim, considerando que o sujeito discursivo é afetado pelos esquecimentos nº1 e 2, antes de fazer a formulação, de acordo com as formações imaginárias, ele se coloca no lugar de seu interlocutor, num processo de antecipação e regula o seu dizer conforme o efeito que pretende produzir. Assim, a palavra “acho” é fundamental nesta formulação, pois ratifica que o sujeito discursivo se esforça para atingir seu ideal de beleza, mas reconhece sua inferioridade, condição esta que é reforçada na formulação “como eu realmente pareço”, associada à imagem do vilão Coringa, do filme “Batman, o Cavaleiro das Trevas”, interpretado pelo ator já falecido Heath Ledger. Ainda pelas formações imaginárias, o sujeito discursivo também se afasta do fato e se coloca na posição de observador e crítico e, ao formular os seus dizeres, chama atenção, de forma irônica, daqueles que acreditam ter atingido o sucesso esperado ao usar o batom vermelho, mas ainda não se deram conta de que as coisas não saíram conforme o planejado.



A imagem do Coringa é utilizada como contraponto à de Anne Hathaway justamente pela questão estética, já que o arquirrival de Batman é um palhaço cuja maquiagem sombria é marcada pela enorme boca desfigurada e borrada de vermelho. Ainda pelo mecanismo da formação imaginária, essa imagem, para o sujeito discursivo, se encaixa no efeito que pretende produzir sobre seu interlocutor, que é ridicularizar a sua própria aparência ao pintar os lábios com batom vermelho.

Com relação aos textos não verbais, é importante destacar que a utilização pelo sujeito discursivo das imagens de Anne Hathaway e do Coringa para ilustrar a comparação expectativa x realidade, considerando o assujeitamento ideológico desse sujeito e o atravessamento de saberes do interdiscurso correspondentes à sua FD, remete ao pré-construído belo x feio – embate típico do cinema –, que surge no fio do discurso sustentando o dizer.

SD-2: “EXPECTATIVA: O MITO VAI MUDAR TUDO. REALIDADE: O MDB É BEM-VINDO AO MEU GOVERNO, DIZ BOLSONARO”.

Figura 4 – Expectativa nas eleições x realidade do futuro governo.



Fonte: Facebook (2018).

A SD-2 ironiza uma das promessas de campanha de Jair Bolsonaro para a presidência da República, que foi eleito em 2018 defendendo a proposta de fazer uma “política diferente”, sem o chamado “Toma-lá-dá-cá”. O meme selecionado circula na internet e foi extraído da página do Facebook de um político filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Não há como determinar se a origem do meme é a página do próprio político do PT, mas o fato de ter feito o compartilhamento nas redes sociais mostra a identificação dele com o meme, o que, conforme a Análise de Discurso, está relacionada à FD, que neste caso é uma FD alinhada politicamente à esquerda, antibolsonaro. Inscrito, portanto, nesta FD, o político, agora na condição de sujeito discursivo, compartilha a visão de que a expectativa em torno de uma nova política não se concretizou e o presidente eleito dará continuidade à velha política, destacada aqui pelo conchavo político com o tradicional Movimento Democrático Brasileiro (MDB), conhecido no cenário político brasileiro por se aliar e apoiar governantes de diferentes partidos em troca de cargos e benesses.

Em sua apresentação, o meme está dividido em dois quadros, onde são encaixadas as formulações verbais e não verbais. A ironia é realçada pela contradição trazida pela ideia viral “Expectativa x Realidade”. No quadro da esquerda, os dizeres



“Expectativa”, em cima, e “O mito vai mudar tudo”, na parte de baixo, em verde e amarelo, ambos sobrepostos à imagem de Bolsonaro sendo aclamado por apoiadores. A esta imagem também está sobreposto um emoji de sorriso/felicidade- suporte imagético característico do “Internetês”-, também nas cores verde (contorno) e amarelo (fonte).

No da direita, as formulações “Realidade” e “O MDB é bem-vindo ao meu governo, diz Bolsonaro”, em branco (fonte) e azul (contorno), sobrepostas à imagem do já presidente Jair Bolsonaro apertando a mão de Michel Temer, do MDB, ex-presidente da República e ex-vice da presidenta Dilma Rousseff, do PT, entre 2015 e 2017. Também conta com um emoji de tristeza/decepção, em um tom de amarelo bem claro, com contorno em azul.

Inscrito em uma FD de esquerda, em oposição ao presidente Jair Bolsonaro, o sujeito discursivo critica via meme o não cumprimento de uma das promessas de campanha do atual presidente. A partir das formações imaginárias, afetado pelos esquecimentos nº 1 e 2 e atravessado pelos saberes do interdiscurso, o sujeito discursivo, ao empregar a palavra “mito” - expressão utilizada por apoiadores para se referirem ao atual presidente como um político *outsider*, diferente, que não se subjeta à política de troca de favores -, prepara o terreno para ironizar e desqualificar Bolsonaro já no quadro seguinte, que mostra justamente uma aproximação com o MDB.

O efeito de sentido instaurado a partir do emprego das cores verde e amarelo, predominantes na bandeira brasileira, e depois a substituição destas pelo azul e branco, é de que a promessa de colocar o Brasil como prioridade não será cumprida e de que a política tradicional do “toma-lá-dá-cá” será mantida. Isso é reforçado também pela contradição entre os emojis de sorriso/felicidade no primeiro quadro, o da expectativa, e de tristeza/decepção no segundo, o da realidade. Outro efeito de sentido, agora na comparação entre as imagens utilizadas, é de que, durante as campanhas, o que vale é estar próximo do povo, ser visto como um homem do povo, espaço marcado pela demagogia e falsas promessas (primeiro quadro/expectativa), enquanto os bastidores do poder (segundo quadro/realidade) são marcados pelos conchavos e jogos de interesses, práticas que não incluem e nem atendem aos interesses do povo. Há, então, um retorno ao pré-construído “todos os políticos são iguais e não cumprem o que prometem”.

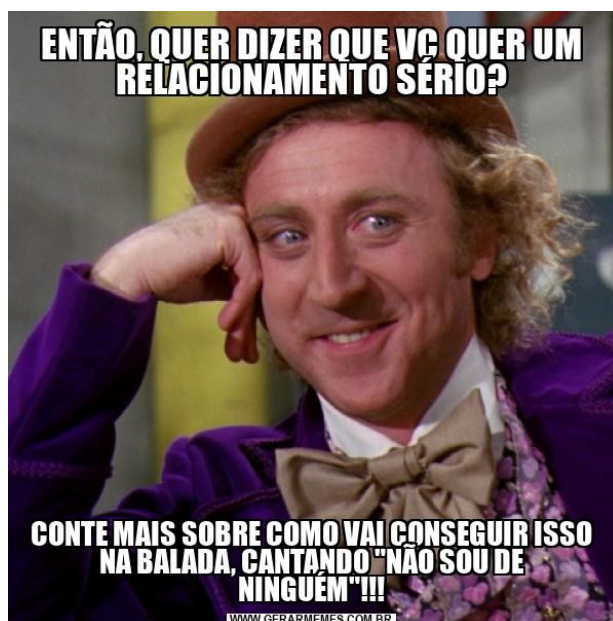
5.2. FAMÍLIA MÊMICA “WILLY WONKA IRÔNICO”

Essa família é caracterizada pelo emprego do mesmo texto não verbal, a imagem do personagem Willy Wonka, em todos os memes, acompanhado de dois textos verbais que carregam forte tom irônico em relação a determinado tema. A seguir, serão apresentadas as análises relativas às duas SDs selecionadas.

SD-3: “ENTÃO, QUER DIZER QUE VOCÊ QUER UM RELACIONAMENTO SÉRIO? CONTE MAIS SOBRE COMO VAI CONSEGUIR ISSO NA BALADA, CANTANDO ‘NÃO SOU DE NINGUÉM!!!’”.



Figura 5 – Meme Willy Wonka “Não sou de ninguém”.



Fonte: Gerar Memes (2022a).

Na SD-3, o sujeito discursivo está ocupando uma posição-sujeito que vê as baladas como locais não muito propícios para encontrar alguém que está procurando um relacionamento sério com outra pessoa, seja um namoro ou até mesmo um casamento. Este sujeito discursivo está inscrito em uma FD que associa as baladas à diversão, onde as pessoas que frequentam eventos deste tipo estão lá apenas em busca de diversão e azaração, ou seja, um namorico de apenas uma noite, sem qualquer compromisso e promessa de continuidade.

Pelo mecanismo da formação imaginária e afetado pelos esquecimentos nº1 e 2, o sujeito discursivo projeta a imagem de seu interlocutor e prepara (inconscientemente) sua estratégia e utiliza em sua formulação a palavra “balada” para criar uma contradição entre aqueles que dizem procurar um relacionamento sério, mas tomam atitudes que o distanciam deste objetivo. Outras palavras poderiam ter sido usadas, tal como festa, festerê, baile, entre outros. Contudo, ao eleger a palavra “balada”, o sujeito discursivo é afetado pelo esquecimento nº2, que diz respeito à enunciação e está relacionada ao motivo pelo qual dizemos uma coisa e não outra.

Através da chamada ilusão referencial, acreditamos que existe uma relação direta entre pensamento, linguagem, e o mundo. Isso acontece também quando o sujeito discursivo, a partir de sua FD, revela suas posições ideológicas e, ao utilizar o título da música “Não sou de ninguém”, reforça a sua ironia. “Não sou de ninguém” é uma das canções de sucesso do grupo Forró Anjo Azul, cuja letra fala de uma desilusão amorosa que culminou na mudança radical de comportamento daquele que antes amava e se dedicava ao outro e agora se libertou e não quer mais compromisso com ninguém. Agora o que interessa é “só beijar, sem me apegar a ninguém”.

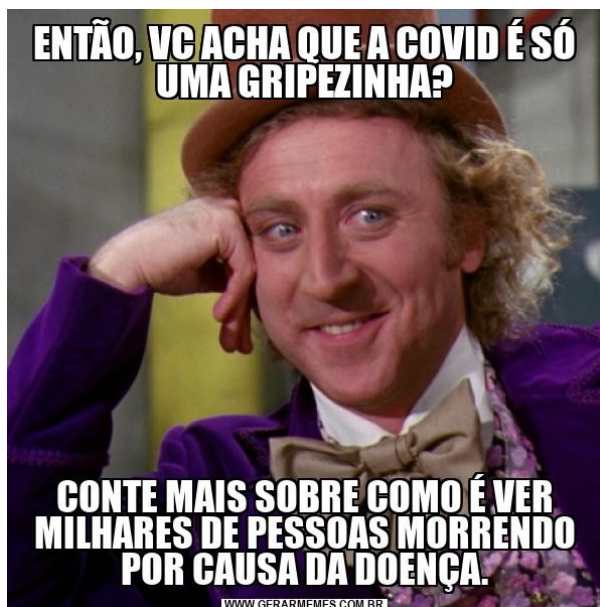
Considerando a FD do sujeito discursivo em questão, ao ser atravessado pelo interdiscurso, emergem saberes discursivos relacionados à libertinagem, fazendo com que o seu dizer ratifique e associe o gênero musical forró à comportamentos



pecaminosos. Assim, remetendo ao pré-construído fidelidade x infidelidade, frequentar baladas, sobretudo aquelas regadas a forró, produz um efeito de sentido de pecado, de luxúria, que não contribuem em nada para quem procura um compromisso sério, que pressupõe fidelidade e respeito.

SD-4: “ENTÃO, VC ACHA QUE A COVID É SÓ UMA GRIPEZINHA? CONTE MAIS SOBRE COMO É VER MILHARES DE PESSOAS MORRENDO POR CAUSA DA DOENÇA”.

Figura 6 - Meme Willy Wonka “Gripezinha”.



Fonte: Gerar Memes (2022b).

A SD-4 traz à tona mais um capítulo do embate ideológico que tomou conta do país nos últimos dois anos. A pandemia do novo coronavírus acirrou os ânimos dos debates sobre os efeitos da doença COVID-19, sobretudo nas redes sociais, e realçou a polarização ideológica no Brasil entre negacionistas, como são chamados aqueles que minimizam os impactos da Covid e questionam a eficácia da vacina, e não negacionistas, que reconhecem os perigos da doença e são pró-vacina.

A partir das formulações verbais presentes no eixo do intradiscurso, é possível inferir que o sujeito discursivo em questão está inscrito em uma FD que vê a Covid como uma doença altamente contagiosa e letal. A filiação a uma formação discursiva coloca o sujeito na condição de assujeitado, ou seja, interpelado pela ideologia. A produção de efeitos de sentidos se dá por este assujeitamento, em que o dizer do sujeito é determinado ideologicamente. Nesse processo, ele carrega consigo conjuntos de representações e atitudes que farão toda a diferença na atribuição de sentidos.

Na SD-4, observa-se que o sujeito discursivo, por conta de sua FD, está alinhado a uma posição-sujeito que reconhece os perigos da Covid-19 e ironiza os negacionistas, utilizando em sua formulação a palavra “gripezinha”, numa alusão à expressão usada pelo presidente Jair Bolsonaro para comparar esta doença à gripe comum, com o intuito de passar à população um cenário de relativa tranquilidade e minimizar a gravidade da Covid.



Pela formação imaginária, ao projetar a imagem de seu interlocutor, o sujeito discursivo, considerando a FD já referenciada acima, é atravessado por saberes discursivos presentes no interdiscurso que criam as condições ideológicas para que ironize os negacionistas por meio da seguinte contradição: como uma dita gripezinha é capaz de provocar tantas mortes no país. Nesta SD, o campo político surge como cenário de embate, e como as condições de produção remetem a um contexto mais imediato, que é o do surgimento da COVID-19, o efeito de sentido instaurado é o de que o presidente da República, Jair Bolsonaro, e seus apoiadores negacionistas estão na contramão da ciência e alheios às mortes e ao sofrimento da população.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não tem a pretensão de delimitar e nem esgotar as possibilidades de análise oferecidas pelos memes, pelo contrário. Como importante materialidade simbólica circulante no mundo digital, os memes, do ponto de vista discursivo, são um terreno fértil para que sejam realizadas outras abordagens, a partir da utilização de outros dispositivos analíticos que possam trabalhar diferentes aspectos relativos ao seu funcionamento discursivo.

Neste estudo, em conformidade com o dispositivo analítico e o gesto analítico empregado, observou-se que os memes carregam consigo uma ideia central que é compartilhada exponencialmente na internet, um dos fatores determinantes para a viralização no mundo digital. O objetivo, contudo, foi mostrar, pela ótica da AD, o funcionamento discursivo de duas famílias mêmicas, mergulhando na opacidade destes textos que imbricam o verbal e não verbal e que circulam sob uma aparente unidade textual, fechada e transparente.

Desta forma, inferiu-se que, no discurso digital, os memes funcionam como uma suporte material-simbólico importante para a constituição da subjetividade do sujeito, que se dá pelo processo de identificação, a partir da inscrição a uma formação discursiva e do seu imaginário social. Compartilhar e curtir um meme nas redes sociais, portanto, significa identificar-se com saberes ideológicos que ali circulam. Essa circulação no mundo digital é determinada pela memória metálica, que é marcada pela quantidade, pela repetição. No entanto, há neste processo o trabalho da memória discursiva/interdiscurso, que atua no acontecimento discursivo instaurando a chamada memória digital, podendo alterar a rede de sentidos e abrir caminho para a ressignificação.

Outro ponto observado é que os memes de uma mesma família, conservando e reproduzindo praticamente a mesma estrutura verbal e imagética, fortalecem sua circulação através de uma retórica própria, que é a intertextualidade entre memes, por meio da qual um meme é gerado aproveitando-se da ideia e argumentação já consolidadas de um outro meme. É desta forma que memes da mesma família, por exemplo, com o aporte do humor e da ironia, conseguem transitar por diferentes campos temáticos e promover novos sítios de significação.

Pensando no funcionamento discursivo dos memes, este estudo mostrou-se relevante para a produção de futuros artigos voltados à área da educação, utilizando a AD como suporte teórico-metodológico e esta mesma materialidade discursiva como



ferramenta para oficinas de leitura/autoria com estudantes de ensino médio, trabalhando, assim, o discurso pedagógico, relações de força e poder nos discursos de professores e alunos e a multiplicidade de sentidos envolvidos em uma atividade pedagógica como esta.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU, A. K. **Eu leio, tu lêes, ele lê**: a cada sujeito-leitor, a possibilidade de instauração de um outro gesto de leitura. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2016.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COURTINE, J. J. Définition d’orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. **Philosophiques**, v.9, n.2, p.239-264, 1982.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco**, v.10, n.2, p.8-20, 2016.
- DIAS, C. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **RASAL Linguística**, n.2, p.55-74, 2019.
- DIAS, C. **Discurso, texto e memória**: a discursividade digital em análise. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWfa1T4pHiM>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- DOROW, C. M. F. **A ironia no discurso do tribunal do júri**: um dizer marcado pela prosódia. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.
- FACEBOOK. **Expectativa nas eleições x realidade do futuro governo**. 2018. Disponível em: <https://m.facebook.com/dep.zarattini/posts/1921618854559179/>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- GERAR MEMES. **Meme Willy Wonka “Não sou de ninguém”**. 2022a. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/meme/1428034-entao-quer-dizer-que-vc-quer-um-relacionam>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- GERAR MEMES. **Meme Willy Wonka “Gripezinha”**. 2022b. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/meme/1428021-entao-vc-acha-que-a-covid-e-so-uma-gripezinho>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- INDURSKY, F. Lula Lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, v.17, n.35, p.101-121, 2003.
- LAGAZZI, S. O recorte significativo da memória. In: INDURSKI, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Org.). **O Discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p.67-78.



LIMA, E. P. S. M. 2012. **Entre a (des)organização urbana, um automóvel-corpo e um discurso itinerante**: o dizer dos adesivos. 2012. 197 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

MUSEU DE MEMES. **Willy Wonka Irônico (Condescending Wonka)**. 2022. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/willy-wonka-ironico>. Acesso em: 9 fev. 2022.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, v.14, n.61, p.53-59, 1994.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, v.2, n.16, p.1-12, 2010.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.61-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.163-252.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.49-57.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RECUERO, R. C. Memes e Dinâmicas Sociais em Weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na internet. **Intexto**, v.2, n.15, p.124-140, 2008.

SARMENTO, L. L. **Oficina de redação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

VICE. **This 1921 Proto-Meme Is Eerily Relevant Today**. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/mbxkwy/meme-1921-expectation-vs-reality-judge-magazine-comic-twitter>. Acesso em: 9 fev. 2022.

ZOEIRA MEMES. **Batom: Expectativa x Realidade**. 2016. Disponível em: <http://zoeiramemes.blogspot.com/2016/10/batom-expectativa-x-realidade.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.